



KÁTIA NATÁLIA DOS SANTOS

**PRINCIPAIS DESAFIOS NA AQUISIÇÃO DA
LEITURA E DA ESCRITA SOB A ÓTICA
DOCENTE NO ENSINO REMOTO**

LAVRAS – MG

2022

KÁTIA NATÁLIA DOS SANTOS

**PRINCIPAIS DESAFIOS NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA
ESCRITA SOB A ÓTICA DOCENTE NO ENSINO REMOTO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof(a). Dr(a). Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Orientador(a)

LAVRAS – MG

2022

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais Teresinha e Elias que com todo o amor e cuidado sempre me incentivaram a correr atrás dos meus ideais independentes das dificuldades.

Aos meus irmãos Maciel, Guilherme e Amilton que sempre foram modelos de inspiração para ingressar na vida acadêmica.

A minha orientadora Ilsa pelo suporte que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Minha mais profunda gratidão.

Aos meus amigos que fizeram parte da minha formação e as amizades proporcionadas ao longo da graduação que vão continuar presentes em minha vida.

Por fim, a Universidade Federal de Lavras, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

RESUMO

Ao tratar dos processos de aquisição da leitura e da escrita, deve-se levar em conta que a alfabetização em sala de aula deve ser trabalhada em constante articulação com o letramento. De tal modo, ensinar a criança ler e escrever não é uma tarefa fácil, uma vez que as práticas pedagógicas em alfabetização devem estar em constante atualização e inovação para que o educando avance em seu processo de aprendizagem. Dessa forma, a presente pesquisa tem por objetivo identificar quais os principais desafios na aquisição da leitura e da escrita os professores apontam como impactantes frente ao processo de alfabetização das crianças no período de ensino remoto. A metodologia adotada para a coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário online com, que deteve de 11 perguntas abertas e descritivas destinadas a 5 professoras alfabetizadoras que atuam ou já atuaram na alfabetização. Os procedimentos para a análise dos dados, se deram através dos estudos de Bardin (1977), em que foi possível fazer uma organização das respostas a partir do questionário em três grandes grupos temáticos, de modo que respondesse a temática do trabalho. Como resultados evidencia-se que os principais desafios que as professoras pontuaram como marcantes no processo de aquisição da leitura está ligado a realidade de cada educando, uma vez que trazem vivências distintas juntamente com as suas dificuldades, quando adentram no ambiente escolar. Por fim, ao longo da análise observou-se ainda que o ensino remoto foi um grande desafio para grande parte das professoras, dado que a falta de experiência com as ferramentas digitais dificultaram a elaboração de práticas pedagógicas efetivas.

Palavras-chave: Leitura e escrita, alfabetização, letramento, ensino remoto, prática pedagógica.

ABSTRACT

When dealing with the processes of reading and writing acquisition, it must be taken into account that literacy in the classroom must be worked in constant articulation with literacy. In such a way, teaching children to read and write is not an easy task, since pedagogical practices in literacy must be constantly updated and innovated for the student to advance in their learning process. In this way, the present research aims to identify which are the main challenges in the acquisition of reading and writing that teachers point out as having an impact on the literacy process of children in the period of remote teaching. The methodology adopted for data collection was through the application of an online questionnaire with 11 open and descriptive questions aimed at 5 literacy teachers who work or have worked in literacy. The procedures for data analysis were carried out through studies by Bardin (1977), in which it was possible to organize the responses from the questionnaire into three major thematic groups, so that the theme of the work could be answered. As a result, it is evident that the main challenges that the teachers pointed out as outstanding in the process of reading acquisition are linked to the reality of each student, since they bring different experiences together with their difficulties, when they enter the school environment. Finally, throughout the analysis, it was also observed that remote teaching was a great challenge for most teachers, given that the lack of experience with digital tools made it difficult to develop effective pedagogical practices.

Keywords: Reading and writing, literacy, remote teaching, pedagogical practice.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1	Aquisição da Leitura e da Escrita: compreendendo os processos.....	9
2.2	Processo de alfabetização: o que orientam os documentos oficiais?.....	11
2.3	A formação de professores alfabetizadores.....	14
3.	METODOLOGIA DA PESQUISA	17
3.1	Instrumentos de coleta de dados.....	17
3.2	Procedimentos da pesquisa.....	18
3.3	Sujeitos da pesquisa.....	19
3.4	Procedimentos da análise dos dados.....	20
4.	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS	21
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32
	ANEXOS	34

1. INTRODUÇÃO

Ao tratar da aquisição da leitura e da escrita pela criança, primeiro é preciso considerar que a alfabetização se constitui um processo multifacetado que consiste na construção e estruturação de práticas pedagógicas efetivas oportunizando o aprendizado da leitura e da escrita. Nesse sentido, é por meio de intervenções que o professor provoca conflitos cognitivos possibilitando o educando compreender não só a natureza do código escrito, mas também apropriar-se das funções sociais constituintes dos atos de ler e escrever fazendo o uso da leitura e da escrita no cotidiano através do letramento.

De acordo com Soares (2003), embora a alfabetização e o letramento sejam processos distintos estão intimamente ligados. Dessa forma, em sala de aula é fundamental que a alfabetização seja trabalhada em constante articulação com o letramento, de modo a apresentar subsídios necessários para que a criança construa as percepções sobre a função social da língua escrita. Assim, não basta apenas saber ler e escrever, é preciso que o educando entenda a finalidade da utilização da língua oral e escrita no seu contexto social.

Ao colocar em destaque a alfabetização e o letramento, compreende-se que tais processos se iniciam muito antes do sujeito adentrar no ambiente escolar. A criança logo que nasce já convive em um mundo repleto de letras e palavras, a medida que vai se desenvolvendo e se inserindo no contexto sociocultural as primeiras aprendizagens vão sendo adquiridas, possibilitando assim novas formas de ampliar e significar a visão de mundo. De tal modo, a partir do momento em que o educando se insere no ambiente escolar, já trás consigo uma bagagem de experiências e conhecimentos sobre a leitura e a escrita, no entanto sua compreensão ainda é muito limitada necessitando, portanto, da intervenção do professor alfabetizador para que o mesmo avance em seu processo de alfabetização e letramento.

Contudo, ensinar a criança ler e escrever tem se tornado um desafio para a maioria dos educadores, uma vez que as práticas pedagógicas em alfabetização devem estar em constante atualização e renovação, para que a aprendizagem da criança ocorra de maneira significativa, sendo a mesma protagonista do seu conhecimento. Ademais, estudos evidenciam que o fracasso escolar tem sido um fator dominante presente no interior das escolas, principalmente na primeira etapa do ensino fundamental, fazendo com que as crianças em fase de alfabetização apresentem resultados insatisfatórios, não avançando diante do esperado no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Soares (2003), afirma que esse fracasso é evidenciado devido a

uma concepção de alfabetização que, coincidentemente, chegou ao país na mesma época que o conceito de letramento, nos anos 80; segundo, uma nova organização do tempo da escola, que consiste na divisão em ciclos, trazendo junto a questão da progressão continuada – da não-reprovação (SOARES, 2003, p. 16).

Nesse sentido, a autora defende a ideia de que a alfabetização deve ser trabalhada em uma perspectiva sistemática e não diluída no processo do letramento. Logo, é necessário compreender as especificidades dos processos de alfabetização, compreendendo que “não basta a criança conviver com o material escrito é preciso orientá-la sistemática e progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita” (SOARES, 2003, p. 19). Só assim é possível superar as dificuldades que envolvem a precariedade do domínio da leitura e da escrita pelas crianças.

Diante do exposto, o interesse por investigar determinado tema de pesquisa surgiu a partir de experiências vivenciadas em sala de aula e também no contexto do ensino remoto, através da participação de programas de iniciação à docência na graduação. Nesse viés, foi possível acompanhar de perto tanto as dificuldades das crianças em relação ao processo de aquisição da leitura e da escrita, bem como a prática pedagógica do professor alfabetizador no exercício de sua função. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo identificar quais os desafios que o professor alfabetizador aponta como impactantes no processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança frente ao ensino remoto, afim de evidenciar fatores que podem contribuir para superar tais dificuldades mediante do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, a pesquisa se deu apoiada em alguns aportes teóricos como Emília Ferreira (2010), Magda Soares (2003; 2004; 2020), Maurice Tardif et al. (1991), Antônio Nóvoa (1989), entre outros que discutem a temática a respeito de como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança e a importância da profissionalidade docente diante da prática pedagógica.

Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo no período de janeiro à julho de 2021 utilizando do procedimento metodológico para a coleta de dados um questionário online, que contou com a participação de professoras alfabetizadoras que atuam ou já atuaram na alfabetização na educação básica. Por meio do questionário, pretendemos evidenciar o que as professoras percebem e apontam como desafio frente ao processo de aquisição da leitura e da escrita por parte da criança, compreendendo que as dificuldades por mais desafiadoras que sejam podem ser superadas através de estratégias de ensino que as incentivem às práticas leitoras e escritoras das crianças logo no início da

escolarização.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aquisição da Leitura e da Escrita: compreendendo os processos

Para trazermos uma reflexão sobre como se dá a aquisição da leitura e da escrita, consideramos importante conceituar o que vem a ser a alfabetização e o letramento.

De acordo com Soares (2020), a alfabetização é entendida sendo um processo complexo pelo qual a criança deve se apropriar de um conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades que são necessárias para a prática da leitura e da escrita. Já o letramento na perspectiva da mesma autora, é compreendido sendo a capacidade do sujeito fazer o uso da leitura e da escrita para inserir-se no contexto das práticas sociais e pessoais, desenvolvendo assim habilidades variadas como ler e escrever textos para atingir diferentes objetivos, além de desenvolver habilidades de interpretação e produção de diferentes tipos de textos e gêneros textuais.

Logo, ao abordar o processo de alfabetização é preciso compreender que o mesmo vai além do que meramente ensinar a criança a se apropriar do princípio alfabético, é um processo pelo qual implica mudanças no sujeito, seja na maneira com ele vê o mundo ou como faz uso da escrita em seu meio social. Dessa forma, embora alfabetização e o letramento se configuram processos distintos ambos se complementam, sendo vistos como base para uma educação cada vez mais construtiva, fortalecendo assim a comunicação de ideias e pensamentos.

Soares (2004) explicita essa relação entre alfabetização e letramento:

Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14)

Diante disso, sabendo das concepções de alfabetização e do letramento fica evidente o quanto esses dois processos são importantes para a aquisição da leitura e da escrita. Assim, é importante que o professor em sala de aula promova práticas de letramento que sejam trabalhadas em constante articulação com a alfabetização, ou seja, colocar o educando em contato com diferentes gêneros e portadores textuais, fazendo-o ter consciência da função social da escrita, ao mesmo tempo que ensine as relações grafema-fonema.

Logo, partindo de uma perspectiva histórica sobre a alfabetização, a concepção do que significa ler e escrever foi mudando com o passar dos anos. Segundo Morais e Albuquerque (2007), até a década de 1980 a alfabetização era considerada como o ensino das habilidades de codificação e decodificação, em que o sujeito se apropriava do sistema alfabético de escrita através de métodos de memorização e repetição, tendo como principal material didático as cartilhas do ABC em que a criança decorava sílabas palavras e até mesmo frases.

A partir dessa década os métodos de alfabetização foram amplamente criticados devido ao surgimento um novo conceito, denominado “analfabetismo funcional caracterizado por aquelas pessoas que, mesmo tendo se apropriado das habilidades de ‘codificação’ e ‘decodificação’, não conseguiam fazer uso da escrita em diferentes contextos sociais” (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 16). Dessa forma, o analfabetismo funcional passou a englobar não somente aqueles que não possuíam o domínio do sistema alfabético, mas também os que tinham baixo grau de escolarização.

Ainda de acordo com Morais e Albuquerque (2007), nesse contexto de mudanças de paradigmas que surgiam em torno da alfabetização, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como a Psicologia e a Pedagogia buscaram redefinir as concepções sobre o estudo da escrita e da leitura e seu ensino. Dentre as pesquisas se destaca a de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), denominada *Psicogênese da Língua Escrita*, na qual se revela como um marco de mudanças no que diz respeito a aquisição da leitura e da escrita, rompendo com a ideia de que a escrita é um código que precisa ser memorizado, passando a aprendizagem da língua escrita vista como um sistema notacional, no caso o nosso sistema alfabético que é representado por grafemas e fonemas da fala.

Atrelado a esses novos pensamentos sobre a alfabetização, surge mais precisamente na década de 1990 discussões a respeito do letramento proposto por Magda Soares. De acordo com a autora, o termo letramento se originou do inglês *literacy*, que no português significa “aquele versado em letras”, no Brasil diferentemente de outros países a discussão sobre o letramento surgiu muito ligada ao conceito de alfabetização. No entanto, como já exposto um conceito não substitui o outro, pois no universo da escrita esses dois processos ocorrem simultaneamente.

Logo, reafirma-se que o letramento se configura no desenvolvimento das habilidades que possibilitam o sujeito aprender a ler e escrever de forma adequada e

eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisa-se ou há o desejo de querer ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos (SOARES, 2009).

Considerando os processos de aquisição da língua escrita pela criança, Ferreiro (2010) afirma que a escrita significa uma representação da linguagem e não um código de transcrição. Logo, se considerarmos a escrita como um código de transcrição significa dizer que a língua seria um código construído a partir de um sistema de representação dos sons da língua. Sendo assim, a aprendizagem da língua escrita se restringiria em estabelecer correspondência entre grupos de sinais gráficos, seria, portanto, uma aprendizagem baseada, nos processos perceptuais e de discriminação visual e auditiva.

O fato é que quando aprendemos a escrever nossa referência é a fala, em que estabelecemos correspondência aos sons emitidos e as marcas gráficas, se tornando um sistema sonoro. No entanto, os elementos da língua escrita não são da mesma natureza que os elementos da fala, nesse sentido a escrita não pode ser considerada um código de transcrição de alguns sinais em outros, e sim, um sistema de representação, no qual a aprendizagem é fundamentalmente cognitiva. Assim, compreender e conhecer as criações das escritas das crianças faz com que as práticas pedagógicas qualifiquem o âmbito do ensino e da aprendizagem, fazendo com que o sujeito avance cada vez mais em sua hipótese de escrita (SOARES, 2004).

Ademais, é preciso considerar que o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita pela criança é um processo construtivo. Dessa forma, é necessário que o professor alfabetizador considere as noções de leitura e escrita que o educando carrega consigo no momento que se insere no ambiente escolar, identificando o nível de entendimento que ele tem sobre a língua, para que possa planejar suas práticas em uma perspectiva que o leve a compreender a natureza do sistema alfabético.

2.2 Processo de alfabetização: o que orientam os documentos oficiais?

O processo de alfabetização vem sendo amplamente discutido ao longo das últimas décadas, visto que tem se observado em grande parte dos alunos as mesmas dificuldades de aprendizagem, reprovações e até mesmo a evasão escolar por parte dos estudantes. Tais dificuldades se refletem no fracasso escolar sendo um dos maiores desafios a serem superados no que diz respeito a educação no Brasil. A realidade desse problema sabemos que é estrutural, visto que se dá por diversos fatores, seja sociais, políticos, econômicos e até mesmo culturais.

No entanto, existe uma forte tendência em relacionar o fracasso escolar do aluno

a má formação do professor, dado que ele é a figura responsável pela ação pedagógica de modo que o processo de ensino-aprendizagem de fato aconteça. Nesse sentido, vale a pena colocar em destaque a formação de professores, sobretudo a dos professores alfabetizadores, pois são eles os profissionais responsáveis em acompanhar e mediar a aprendizagem do educando em todo o processo de alfabetização.

Logo, levando em conta o processo formativo dos professores alfabetizadores, é preciso compreender que tal formação não se restringe apenas a formação inicial, uma vez que o professor ao se inserir no contexto de sala de aula se depara com uma realidade pouco vista durante a graduação, sendo preciso estar em constante busca de novos conhecimentos. Sendo assim, é na rotina do trabalho docente, no contato com os alunos que a prática pedagógica se ganha sentido e é aprimorada, uma vez que é vivenciada na realidade.

Ao tratar da formação de professores, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no título VI de tal documento, trata especificamente dos profissionais da educação. Dentre os sete artigos que compõe esse título, alguns deles estão diretamente ligados a formação do professor alfabetizador. Logo, tendo em vista a formação inicial a nível superior expressa pela LDB se faz extremamente necessária, há também hoje em consenso que nenhuma formação inicial, mesmo em nível superior é suficiente para o desenvolvimento profissional. Nesse sentido, o documento salienta a importância da formação continuada, uma vez que se configura em um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários a atividade docente, com o objetivo de assegurar uma prática pedagógica efetiva no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda de acordo com a LDB, mais precisamente no Art.62 em seu parágrafo único estabelece o direito do profissional da educação à participação de formação continuada

Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação (BRASIL, 1996).

Segundo Ferreira (2010), estar em constante busca de aprimoramento da prática pedagógica, mesmo já atuando profissionalmente só tende a trazer melhorias para a educação. Dessa forma, a formação continuada permite não só que o docente seja capaz de discutir, refletir, compartilhar dúvidas e certezas sobre as suas ações e experiências,

mas oferecer transformações e mudanças para que possa inovar sua prática. Ainda de acordo com a autora, tal processo não trata simplesmente de somar informações novas, mas de mudar a realidade, o que chama de “experiências críticas”. Essas são o ponto de partida para novas descobertas e mudanças no trabalho do professor. As crianças nesse processo são de fundamental importância, pois essas “experiências” surgem através delas (FERREIRO, 2010).

Com base nisso, é necessário que tenha políticas públicas que valorizem a capacitação da docência, que aproxime cada vez mais a teoria estudada da prática em sala de aula, de modo a levar em consideração a realidade da escola e dos educandos. Hoje, no Brasil, existem políticas públicas voltadas para o melhor direcionamento aos professores alfabetizadores, a respeito de como devem desenvolver um trabalho mais significativo em sala de aula, sobre quais as principais habilidades devem ser trabalhadas nas crianças no processo de alfabetização.

Dentre essas políticas, se destaca o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) (BRASIL, 2012-2018), na qual se configurou em um importante programa de capacitação de professores alfabetizadores. Elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) com a parceria dos governos federais, estaduais e municipais, o programa mobilizou ações e recursos em favor da valorização dos profissionais de educação. Além disso, ofereceu apoio pedagógico com materiais didáticos de qualidade fornecidos para todas as crianças do ciclo de alfabetização, auxiliando também na implementação de sistemas adequados de avaliação, gestão e monitoramento, objetivando assim alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, conforme as metas do Plano Nacional de Educação (PNE).

O PNAIC foi um importante programa não só em relação ao desenvolvimento dos alunos no ciclo da alfabetização, mas também permitiu aos professores alfabetizadores uma maior reflexão e organização da sua prática. Para mais, o programa ainda colaborou para a melhoria na qualidade do processo de formação continuada dos professores, uma vez que proporcionou aos educadores a capacidade de pensar criticamente e reflexivamente. Vale ressaltar que um dos eixos de atuação do PNAIC, ressalta a formação continuada para professores alfabetizadores e para orientadores de estudo, objetivando ampliar as discussões sobre a alfabetização na perspectiva do letramento, além de promover a interlocução no que tange as questões pedagógicas das diversas áreas do conhecimento em um viés interdisciplinar.

Para mais, destaca-se outra política pública bastante relevante atualmente no que

diz respeito as práticas pedagógicas na alfabetização, que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), na qual se configura em um documento referência para a formulação dos currículos escolares de todo o Brasil. Sua função principal é definir o que deve ser ensinado nas instituições de ensino básico, de modo a garantir o desenvolvimento das aprendizagens essenciais e assim alinhar as propostas pedagógicas do país. O processo de implementação da BNCC ainda está em andamento, visto que há a necessidade de revisão dos currículos locais, de materiais didáticos, necessidade de formação continuada e inicial dos docentes e o alinhamento das avaliações aplicadas.

Nesse viés, com a implementação da BNCC é necessário rever como se ensina tomando como base as competências que o documento traz. Atualmente, já são ofertados cursos aos professores alfabetizadores para que saibam interpretar tal documento. No que diz respeito à alfabetização, existe um tópico específico que trata das habilidades e competências a serem desenvolvidas pelas crianças mediante a essa fase. Em resumo a criança nesse processo precisa desenvolver as capacidades de decodificação que envolvem:

Compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação); Dominar as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e script); Conhecer o alfabeto; Compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita; Dominar as relações entre grafemas e fonemas; Saber decodificar palavras e textos escritos; Saber ler, reconhecendo globalmente as palavras; Ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura (fatiamento) (BRASIL, 2018, p. 93).

Assim, é necessário que os professores alfabetizadores se apropriem de tal documento, revejam as habilidades e competências que precisam ser trabalhadas, para que a aprendizagem das crianças ocorra de forma significativa.

2.3 A formação de professores alfabetizadores

Ao longo da história a consolidação da profissionalidade docente passou por diversas mudanças. Nesse sentido, foi a partir da segunda metade do século XIX e durante o século XX com o surgimento das Escolas Normais, que passou a se pensar em um espaço de formação de professores veiculada e centrada não só na propagação do conhecimento, mas também sendo um lugar de reflexão sobre as práticas com vistas a formar profissionais produtores do saber e do saber/fazer. Nóvoa (1992), delimita o percurso histórico da formação da profissionalidade docente, partindo da premissa de que é fundamental refletir sobre a ação docente. Nesse viés o autor afirma que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p. 13)

Sendo assim, pensar em identidade profissional deve-se levar em conta o percurso que o professor percorre desde sua formação inicial até sua atuação no interior da sala de aula, pois entende-se que é no exercício da prática pedagógica que o docente adquire novas habilidades e novas formas de ensinar.

Tardif et al. (1991), afirma que há quatro tipos de saberes docentes que compõem tal identidade, a começar pelos saberes da formação profissional que são aqueles saberes pelos quais são passados pelas instituições, como as universidades, os saberes das disciplinas que incorporam a prática pedagógica, os saberes curriculares que correspondem aos objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar adota, e os saberes da experiência que estão relacionados à prática pedagógica individual do professor. Assim, entende-se que tais saberes emergem da experiência individual de cada docente que, no exercício de sua função selecionam os saberes específicos, os validam conforme as especificidades dos alunos e da escola. (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991).

Contudo, observa-se mediante ao processo de formação de professores, que a teoria ainda é distante da prática, formando professores muito automatizados não dando a devida importância aos saberes da experiência. Isso é percebido no trecho em que Tardif et al., (1991) explicita que:

o(a)s professore(a)s ocupam uma posição estratégica, porém socialmente desvalorizada, no interior dos diferentes grupos que intervêm, de uma maneira ou de outra, no campo dos saberes. De fato, os saberes da formação profissional, das disciplinas e curriculares do(a)s professore(a)s parecem ser sempre, mais ou menos de segunda mão. Eles se incorporam efetivamente à prática docente sem serem, porém, produzidos ou legitimados por ela (TARDIF; LESSARD, LAHAYE, 1991 p.221).

Ainda segundo as autoras, percebe-se que a relação dos professores aos saberes ainda é vista sendo o mesmo como um “agente de transmissão”, ou “depositário”, mas não de um sujeito que é capaz de produzir esses saberes. Tendo isso em vista, ao tratar da formação de professores alfabetizadores é preciso ter em mente que todos os saberes,

tanto os conhecimentos teóricos quanto os conhecimentos da prática escolar, são essenciais para que as práticas educativas sejam efetivas, sobretudo os saberes da experiência como exposto.

Logo, é no contato com o ambiente alfabetizador, com as crianças, com os colegas de profissão que as práticas vão sendo ressignificadas e aprimoradas, sendo adquiridos conhecimentos, pouco vistos ao longo da formação inicial. Ademais, o professor alfabetizador deve estar em constante exercício crítico e reflexivo sobre as suas ações, pois mudanças de paradigmas vem ocorrendo no que se refere ao modo como se alfabetiza, ainda mais em um mundo marcado pelas tecnologias.

Para mais, é necessário que o educador esteja em constante busca de novos saberes, pois eles não se esgotam na formação inicial. Nesse sentido, ter políticas públicas que viabilizem a formação continuada e a profissionalidade docente são fundamentais para que o docente se sinta cada vez mais preparado para lidar com os desafios que cercam o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Sabendo que existem várias formas de classificar as pesquisas científicas e que cada uma possui procedimentos e técnicas específicas a serem seguidas, a natureza da pesquisa aqui realizada possui uma abordagem qualitativa, buscando gerar novos conhecimentos e um entendimento sistemático em relação aos desafios mediante processo de aquisição da leitura e da escrita, sob o olhar do professor. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p. 50-51)

Diante disso, inicialmente ao longo do trabalho realizou-se um estudo bibliográfico, na qual foram selecionados alguns referenciais teóricos que tratam dos processos de apropriação do sistema alfabético de escrita, mais precisamente que buscam conceituar o que vem a ser a alfabetização e o letramento, bem como alguns documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a Base Nacional Comum Curricular que norteiam como se dá tal processo e por último um tópico voltado para a formação de professores alfabetizadores.

Dos procedimentos técnicos da pesquisa, os dados coletados se deram através da aplicação de um questionário com professoras alfabetizadoras de diferentes unidades escolares com o objetivo de relatarm suas experiências com a alfabetização. Em meio às perguntas foram apontados questionamentos sobre os principais desafios que elas têm identificado no processo de aquisição da leitura e da escrita ao longo da alfabetização pelos educandos. É importante ressaltar que os dados obtidos mediante ao questionário serão registrados de forma detalhada para que possa ter maior clareza em relação às discussões e análises que serão feitas posteriormente.

Com base no estudo bibliográfico apresentado inicialmente, juntamente com os dados coletados do questionário será possível fazer uma análise e discussão sistemática a respeito dos desafios que o educando encontra no seu processo de ensino e de aprendizagem. É importante lembrar que, o objetivo da pesquisa não é apontar erros diante dos dados apresentados, mas compreender determinado contexto de forma crítica e reflexiva.

3.1 Instrumento de coleta de dados

Dada a impossibilidade de ir a campo devido a pandemia causada pela Covid-19, optou-se como instrumento de coleta de dados a aplicação de um questionário voltado para professores alfabetizadores, contendo 11 perguntas abertas e descritivas relacionadas à formação acadêmica, o tempo de atuação na alfabetização e os desafios que encontram

mediante a prática educativa, no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita por parte da criança. A aplicação ocorreu entre o período de janeiro a julho de 2021 e a ferramenta utilizada para a obtenção das respostas foi através do documento Word. Segue abaixo o quadro com as perguntas contidas no questionário:

Quadro 1 – Questionário

Questão 1	Descreva um pouco sobre a sua formação, há quanto tempo atua na educação básica e por que decidiu trabalhar na área da educação.
Questão 2	Há quanto tempo atua como professora alfabetizadora? Por que decidiu atuar na alfabetização? Conte como iniciou essa experiência.
Questão 3	Sabemos que ser professor não é uma tarefa fácil, diariamente nos deparamos com inúmeros desafios. Durante a sua trajetória como professora alfabetizadora qual (quais) foi (foram) a (as) situação mais desafiadora(as) que você enfrentou? Conte-nos (?) um pouco como foi essa experiência.
Questão 4	Quais as maiores dificuldades encontradas no que diz respeito a alfabetização dos alunos?
Questão 5	Qual a porcentagem aproximada de crianças que terminam o ano não alfabetizadas?
Questão 6	Você já participou de cursos de formação continuada com enfoque na alfabetização? Se sim, quais foram os ganhos?
Questão 7	Atualmente vivemos um momento atípico, na qual nos encontramos longe de nosso local trabalho e isso implicou numa nova configuração no modo de trabalhar. Para você como está sendo essa experiência com os meios tecnológicos? Teve alguma dificuldade?
Questão 8	Como será avaliado o processo de alfabetização das crianças nesse período de educação remota?
Questão 9	Quais as atividades que você utiliza e considera importantes no processo de ensino da leitura e da escrita?
Questão 10	Quais materiais didáticos para alfabetização estão disponíveis para as professoras alfabetizadoras? Como você utiliza estes materiais?
Questão 11	Há livros de literatura infantil disponíveis para as professoras para as turmas de alfabetização? Como você utiliza os livros de literatura na alfabetização?

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

3.2 Procedimentos da pesquisa

O meio de contato com as professoras se deu via e-mail e também através da plataforma WhatsApp, visto que o aplicativo permite um contato imediato e de fácil comunicação. É importante mencionar que o envio das respostas do questionário se deu de diferentes maneiras, em que algumas das professoras participantes optaram em enviar via email ou pelo WhatsApp, outras optaram por responder por escrito ou por áudio. Apenas uma ocorreu em formato de entrevista através da plataforma do Google Meet. No decorrer do tempo que as docentes tiveram para responder o questionário sempre era perguntado se havia alguma dúvida em relação as perguntas, nesse viés a maioria não apresentou nenhuma dúvida em relação ao questionário.

3.3 Sujeitos da pesquisa

O contato ocorreu com oito professoras, em que apenas cinco se propuseram a participar da pesquisa. O critério de busca pelas professoras se deu inicialmente procurando aquelas que já tinham uma certa experiência na área da alfabetização e que estavam atuando no anos iniciais do ensino fundamental. No entanto, devido às dificuldades de contato e a disponibilidade de algumas, optou-se por buscar aquelas que haviam pouco tempo de experiência na alfabetização e que não eram formadas especificamente em licenciatura em Pedagogia, mas que já tiveram alguma vivência nos anos iniciais do ensino fundamental, por meio do curso técnico de Magistério.

Logo, para compreender com mais clareza o perfil das professoras, no quadro abaixo são descritas as respostas com base nas questões 1, 2 e 3 do questionário, que diz respeito à formação de cada uma delas, o tempo de atuação na docência e as turmas que atuam.

Quadro 2 – Perfil das professoras participantes da pesquisa

Professoras	Tempo de atuação	Graduação	Formação (cursos que fez)	Turma que atua
P1	31 anos	Magistério Pós graduada em alfabetização e letramento	Não especificou	1º e 5º ano
P2	5 anos	Pedagogia Normal - Superior	PNAIC	1º ano
P3	25 anos	Pedagogia Pós graduação em Didática e Educação Especial	Não especificou	Não identificou
P4	24 anos	Filosofia com habilitação para história e sociologia Pós graduada em Educação Religiosa	ABC da alfabetização e outro curso voltado para a alfabetização de textos	Aula particular para crianças de 1º ano
P5	30 anos	Magistério Pós graduada em Educação	PNAIC	1º ano

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Com base no quadro apresentado, é possível constatar que a maioria das professoras possuem uma vasta experiência na educação básica, uma vez que já atuam há mais de 20 anos na docência. Além disso, verifica-se que três delas (P1, P4, P5), mesmo não tendo a graduação em Pedagogia, procuraram se especializar em alguma área da educação, o que evidencia a busca por uma formação continuada.

Ademais, observa-se que boa parte das professoras se encontram em constante busca de aprimoramento e inovação de suas práticas pedagógicas no que se refere à alfabetização, dado que duas delas (P2 e P5) já participaram de cursos oferecidos pelo

PNAIC. Em especial, a P4, formada em outra área, procura sempre agregar novos saberes relacionados à alfabetização por meio da realização de cursos online, dado que atua com aulas particulares.

Nesse sentido, os dados nos mostram o quanto o perfil profissional das professoras são distintos, visto que cada uma possui uma pós-graduação em uma área específica da educação. Ademais, entende-se que por mais que a maioria tenha o tempo de atuação muito semelhantes, as experiências que carregam são únicas, principalmente por serem de localidades diferentes.

3.4 Procedimento de análise de dados

Os procedimentos para a análise de dados foi realizada com base em Bardin (1997), que desenvolveu estudos por volta da década de 70 a respeito da análise de conteúdo. Conforme a autora, a análise de conteúdo pressupõe “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de determinadas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38). Logo, a análise de conteúdo do presente trabalho pode ser entendida segundo como uma técnica de análise qualitativa.

De tal modo, a análise utilizou as três etapas dos procedimentos de análise propostos por Bardin (1997). A primeira se refere a pré-análise, na qual tem por objetivo uma organização das respostas dos questionários, dessa maneira estruturamos em forma de quadros, separando as respostas das professoras conforme cada pergunta. Após isso, realizou-se uma leitura atenta do material coletado, afim de delimitar os aspectos principais presentes em cada resposta. Ademais, vale salientar que o processo da leitura, nessa etapa se faz essencial para que ocorra a formulação das hipóteses e objetivos, como também a elaboração de indicadores através de recortes de texto dos dados de análise, que se configura a segunda etapa (BARDIN, 1997).

Logo, a segunda etapa se destina na exploração do material que foi organizado buscando analisar as respostas para classificarmos as fases de codificação e categorização do material. Para isso, dividimos as respostas em unidades de sentidos, como as dificuldades relacionadas à alfabetização, ao ensino remoto e às possibilidades de ações pedagógicas. Em seguida, a partir de cada unidade buscamos demarcar frases, expressões e/ou palavras, afim de oportunizar as interpretações que correspondem à terceira etapa, às quais foram marcadas em verde nas respostas.

Conforme a divisão das unidades de sentido, na terceira e última etapa realizou-

se os procedimentos da análise do conteúdo, que diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Sendo assim, nessa etapa há uma ênfase nas informações mais relevantes da análise, resultando nas interpretações inferenciais. A inferência nesse viés, compreende em um tipo de interpretação controlada que se apoia em “elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor” (BARDIN, 1977, p. 133). Portanto, é o momento que se destina a uma análise intuitiva e reflexiva diante de tudo o que foi sistematizado.

4. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

A partir da análise das respostas das professoras foi possível classificar os discursos em unidades de sentidos. Inicialmente agrupamos as respostas conforme a temática das questões: as dificuldades relacionadas à alfabetização, as dificuldades relacionadas ao ensino remoto e as possibilidades de ações pedagógicas. A partir da análise do conteúdo por meio da inferência e interpretação, identificamos a ocorrência de expressões em destaque em cada agrupamento. Deste modo, denominamos os grupos temáticos em: (a) dificuldades da docência na alfabetização; (b) desafios do ensino remoto na alfabetização e (c) possibilidades de ações pedagógicas com a leitura.

(a) dificuldades da docência na alfabetização

No questionário pedimos para as professoras relatarem sobre uma situação desafiadora vivenciada na alfabetização. Diante dessa questão as professoras descreveram diferentes desafios, como apresentamos no quadro 3:

Quadro 3 – Situações desafiadoras na alfabetização

Professora	Respostas
P1	O maior desafio que deparei na alfabetização foi quando tive um aluno autista . A escola não tinha estrutura pra me apoiar. Foi um ano muito difícil. Não obtive um resultado desejável, mas pra quem fez de tudo, quase sozinha diria que valeu. Pois consegui que ele se socializasse pelo menos um pouco com os colegas, pois tinha um histórico agressivo e aprendeu as sílabas simples e a contar e recontar os numerais até 10.
P2	Certamente o início da profissão docente é muito difícil, inúmeros foram os percalços. É preciso ter muita força de vontade para realizar esse trabalho tão essencial, mas também muito desvalorizado. A falta de experiência com certeza foi o maior obstáculo. Hoje posso dizer que sou muito mais confiante no que faço. O fundamental é nunca parar de buscar novos conhecimentos.
P3	Nos primeiros anos, nas séries iniciais em que atuei, na maioria das vezes, eram crianças repetentes , as vezes mais de uma vez na mesma série, na época, 45 alunos por sala . Alunos com grandes defasagens , foram os maiores desafios.

P4	Trabalhar como professor não é uma tarefa fácil ainda mais em um país em que se não dá o devido valor na educação e na profissão. Seja pelo lado da família, dos alunos e muito menos pelo lado do governo, a própria sociedade julga muito o professor, nesse sentido as responsabilidades recaem todas sobre ele. O maior desafio que tive foi em 2013, em que trabalhei no sistema prisional , nunca em minha vida havia pensado em trabalhar com os presos, foi um desafio muito grande, mas lá dentro eu descobri que o professor tem uma missão muito importante que é de resgatar vidas, tentar recuperar essas pessoas para que elas possam voltar a conviver em sociedade para fazer o bem.
P5	Aconteceu em uma turma que dei aula, uma situação bem específica. O aluno era muito agressivo e se recusava a chegar perto. Era todo um processo de fazer com que ele prestasse atenção nas aulas. Os desafios são diários, principalmente no que diz respeito a questões delicadas relacionadas a realidade dos alunos. Muitas das vezes as dificuldades de aprendizagem , principalmente na alfabetização advém dos contextos sociais, por exemplo, há crianças que não tem o que se alimentar em casa, outras que sofrem violências psicológicas e sexuais no próprio ambiente familiar. Então, isso se reflete no comportamento do aluno quando chega a escola, o professor nesse sentido tem um desafio muito grande.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Com base nas respostas descritas acima, fica evidente o quanto cada professora relatou situações muito particulares que são vistas como desafios no que tange à alfabetização das crianças. Notamos que a maioria desses desafios estão relacionados à realidade individual de cada educando, uma vez que trazem consigo vivências, dificuldades e visões de mundo diversas. É interessante perceber o empenho das professoras em buscar fazer com que cada criança avance independente das dificuldades e dos desafios que encontram na alfabetização, como revelado na resposta da P1 em relação ao avanço que o seu aluno autista teve mesmo com as dificuldades de socialização com o restante da turma.

Ademais, aparecem nas respostas desafios relacionados às dificuldades de aprendizagem das crianças e dos problemas de comportamento que afetam diretamente o processo de aquisição da leitura e da escrita. Ao pensar sobre esses desafios, destacamos que os mesmos se fazem presentes com mais intensidade no contexto atual de educação, com o retorno das aulas presenciais. Nesse sentido, o trabalho docente com os pequenos tem sido desafiador, não só com aqueles que estão em processo de alfabetização, mas com aqueles que estão nos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que nem todos encontravam-se plenamente alfabetizados, devido às dificuldades de acesso ao ensino remoto e às próprias dificuldades em relação ao ensino.

Para tanto, destacamos a resposta da P2 a qual relatou como seu maior desafio a falta de experiência na docência e que é essencial o educador estar em contante busca de conhecimento. Deste modo a P2 afirma:

Certamente o início da profissão docente é muito difícil, inúmeros foram os percalços. É preciso ter muita força de vontade para realizar

esse trabalho tão essencial, mas também muito desvalorizado. A falta de experiência com certeza foi o maior obstáculo. Hoje posso dizer que sou muito mais confiante no que faço. O fundamental é nunca parar de buscar novos conhecimentos (Questionário, P2, 2021)

Nesse sentido, mediante a fala da professora colocamos a importância de uma formação continuada, mesmo com o pouco tempo de experiência na docência. Segundo Arruda e Grosch (2020), a formação continuada possibilita às professoras avaliarem e repensarem suas práticas, e retomarem ações que ao longo do tempo foram deixadas de lado. Além disso, tal formação favorece à troca de experiências entre professores que vivenciam realidades parecidas ou não, e colabora com a busca de soluções, pois a reflexão em conjunto oportuniza um campo maior de possibilidades.

Na sequência, ao perguntar sobre as maiores dificuldades encontradas no que diz respeito à alfabetização dos alunos, observamos que boa parte das professoras colocaram a questão familiar como principal dificuldade. Segue abaixo, no quadro as respectivas respostas diante da questão:

Quadro 4 – Dificuldades na alfabetização dos alunos

Professora	Respostas
P1	A alfabetização não ocorre só na sala de aula. A família é a base de tudo. Então, considero que se torna difícil quando a família não apoia . Pois a criança fica sem motivação e sem responsabilidade com as tarefas.
P2	A maior dificuldade encontrada na alfabetização das crianças é a falta de interesse dos pais em apoiar os filhos e a desmotivação dos alunos, bem como a indisciplina em sala de aula e falta de atendimento especializado para alguns alunos.
P3	Acredito que a não estimulação das creches (hoje as creches são assistencialistas).
P4	A maior dificuldade na alfabetização de alunos que eu acho é que, hoje as crianças estão muito avoadas , não está fácil alfabetizar, pois o conhecimento hoje em dia não é visto como importante, as crianças não tem mais aquele gosto pela escola, tudo hoje é mais atraente menos a escola. A escola se tornou algo obsoleto, a forma com que ela transmite esse conhecimento pode ser ultrapassado. Eu trabalho em escola pública e nós professores não temos acesso a muita coisa, como os meios tecnológicos. Então ainda é o quadro, o giz, poucos recursos .
P5	É muito importante que a família esteja em sintonia com a escola, ainda hoje há esse distanciamento . Antigamente as turmas eram grandes e os níveis de aprendizagem das crianças eram bem discrepantes. Lidar com essa heterogeneidade atualmente está sendo bem dificultador, pois tenho alunos que não sabem pegar no lápis e outros que já sabem escrever o nome e palavras simples, tudo em uma mesma turma.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Tendo em vista as respostas descritas acima, o papel que a família desempenha na educação dos filhos tem sido um fator determinante, uma vez que de acordo com o relato das professoras a falta de apoio e interesse dos pais na educação dos filhos têm se tornado uma das principais dificuldades encontradas na alfabetização. Segundo André et

al. (2017), a relação entre a família e a escola deve ocorrer de forma recíproca, com o intuito de beneficiar o desenvolvimento da criança. Nesse viés, tanto a família quanto a escola devem desenvolver expectativas recíprocas de promover ações que possibilitem uma boa formação à criança.

Logo, essa parceria entre família e escola gera uma maior qualidade na aquisição do saber das crianças se tornando o caminho para construir uma sociedade mais democrática. No que se diz ao processo de alfabetização e letramento são elas que vão caminhar juntas para que a criança seja alfabetizada e letrada. Essa relação é reconhecida pela LDB na lei 9.394, de 1996 que em seu Art. 1º diz que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p.35)

Dessa forma, é no ambiente familiar que as crianças vão adquirindo seus primeiros conhecimentos a respeito da leitura e da escrita, a partir do momento que se inserem no ambiente escolar esses conhecimentos devem ser respeitados pela escola e valorizados, de forma a conseguir garantir resultados que facilitem o desempenho dos trabalhos pedagógicos, métodos e procedimentos da educação. Assim, a escola e a família devem estabelecer um diálogo contínuo, uma vez que os responsáveis devem sempre conversar com os professores, coordenadores para saber como está o andamento da aprendizagem do filho para que também possam auxiliarem no processo formativo dos mesmos.

(b) desafios do ensino remoto na alfabetização

Logo, na questão seguinte foi perguntado as professoras como estava sendo a experiência com as tecnologias digitais em meio ao ensino remoto. Nesse sentido, percebemos que boa parte das respostas as docentes apresentaram sinceridade em dizer sobre essa nova maneira de ensinar. No quadro abaixo é possível ter maior clareza o quanto foi desafiador esse período de educação remota para as professoras.

Quadro 5 – Aproximação com as tecnologias digitais no ensino remoto

Professora	Respostas
P1	Em nosso município não foi adotado aulas online, e sim o sistema de apostilas. Não encontrei nenhuma dificuldade ao preparar em relação as ferramentas, mas um pouco desmotivada em saber que o resultado não será satisfatório.
P2	Tem sido um momento crucial para o trabalho docente. Os professores estão tendo que se reinventar, mergulhar de cabeça nessa nova realidade. Estou me desdobrando para poder tentar alfabetizar meus alunos, porém tem sido um trabalho árduo e pouco correspondido.

	Contamos com a ajuda dos pais ou responsáveis para o sucesso na aprendizagem dos alunos.
P3	Terrível! Triste afirmar, mas sou de uma geração que não conviveu com a tecnologia... sou analfabeta! Mas vamos nos adaptando e o resultado assertivo com certeza.
P4	Infelizmente com a questão da pandemia a gente teve que mudar totalmente a nossa rotina de trabalho, então a escola veio pra dentro de casa e dependemos da tecnologia. Tivemos de adaptar esse ambiente que era casa e mudar totalmente a nossa rotina de trabalho, a outra dificuldade é de não estar perto dos alunos, até porque a gente tem saudade dos alunos, dos colegas, do trabalho. Adaptar a tecnologia não foi para mim uma coisa difícil, porque eu gosto de buscar conhecimento, foi bom aprender, no início foi um pouco difícil, mas depois fui pegando o ritmo. O difícil mesmo é ficar longe dos alunos e o medo do que virá daqui pra frente e a cobrança que vai vir em cima do professor.
P5	Tive muita dificuldade, principalmente com a tecnologia estou ainda me adaptando. Nos primeiros dias foi extremamente difícil.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

De acordo com as respostas, é possível perceber que tanto a primeira professora (P1), quanto a quarta professora (P4) argumentou não ter enfrentado grandes dificuldades em relação ao ensino remoto. Logo, é preciso levar em conta que a realidade de ensino da P1 não houve a aplicação das aulas virtuais no município pelo qual atua, e sim, as atividades foram realizadas por meio dos sistemas de apostilas. O que também foi uma experiência extremamente desafiadora, pois a maioria dos professores, principalmente no início da pandemia tiveram que se organizar, buscando materiais na internet e elaborando atividades para serem enviadas aos pais em curto espaço de tempo, ocasionando assim um trabalho bem exaustivo.

Para mais, a terceira e a quinta professora (P3 e P5) demonstraram ter enfrentado grandes dificuldade em relação à tecnologia, uma vez que são de uma geração que pouco ou quase nunca se falava nas ferramentas digitais como uma forma pedagógica de se passar conhecimento. O fato é que a pandemia trouxe à tona uma nova maneira de encarar o ensino. Com as aulas virtuais os professores e alunos se viram obrigados a se apropriarem dos meios tecnológicos para seguir com o ensino. Assim, a escola passou a adentrar o espaço de casa das crianças e a existência de um ambiente de aula online foi se constituindo para que se centralizasse o processo de construção do conhecimento.

Por um lado, a tecnologia trouxe ganhos positivos, uma vez que as professoras se viram na necessidade de inovar e repensar as suas práticas pedagógicas em um outro contexto para além da sala de aula. Por outro, sabemos que alfabetizar em um ambiente de aula online é extremamente desafiador, ainda mais para as professoras que eram acostumadas com o quadro, giz e demais elementos presentes no ambiente alfabetizador.

Essa mudança de espaço educativo não afetou somente as práticas das professoras,

mas também o processo de aprendizagem dos alunos, visto que nem todos tinham acesso à internet. Muitos professores relatam que se quer conheceram toda a turma durante o período de educação remota. Ademais, a dependência das crianças pelos pais nas aulas virtuais foi um fator determinante, ao passo que o professor não conseguia identificar as reais dificuldades de escrita dos educandos, dado que por diversas vezes os pais acabavam por dar respostas prontas impedindo a criança de pensar sobre determinada questão.

No quadro abaixo, é possível compreender melhor como se deu o processo de avaliação durante o período de educação remota. Notamos nas respostas que as professoras colocaram situações bem reais a respeito do que e como vem sendo avaliado esse processo. Segue abaixo o quadro com as respectivas respostas:

Quadro 6 – Avaliação da alfabetização no período de educação remota

Professora	Respostas
P1	Em nosso município a avaliação é quantitativa . Mas sabemos que o resultado não será real . Como por exemplo, tem pais que fazem as atividades para os filhos, com isso burlando o resultado.
P2	Serão avaliados os cadernos de atividades , projetos e avaliações que são realizados pelos alunos em casa .
P3	Pela participação nas atividades devolvidas , e 2020-2021 será um ciclo. A avaliação não será real ou verdadeira, infelizmente .
P4	Essa pergunta vou responder com base em uma aluna que eu acompanho. Ela tem 7 anos, estava no 1º ano do SESI, esse ano ela foi para 2º ano. A avaliação se deu de forma contínua, com atividades, provas . Para mim foi tranquilo a parte do avaliar, pois todos os trabalhos foram entregues no tempo hábil, agora eu não posso dizer por outras crianças e também pela escola pública. Mas em escola pública esse processo foi bem diferente.
P5	A forma de avaliar é muito injusta, pois se avalia mais o que foi entregue e o que foi feito , do que o próprio processo em si.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Em meio as falas das professoras evidenciamos uma problemática em relação ao processo de avaliação das crianças durante o período de educação remota. Na maioria das respostas entende-se que a avaliação ocorreu de maneira quantitativa, avaliando somente as atividades que foram realizadas em casa. Segundo Andrade (2021), a avaliação é compreendida sendo um processo de “investigação do desempenho dos estudantes, visando à intervenção assertiva para a melhoria dos resultados” (ANDRADE, 2019, p. 8).

Para tanto, conforme Hofmman (2010) a avaliação tem como intuito a aprendizagem, sendo também uma forma de auxílio para que o professor em suas observações reflita quais as estratégias pedagógicas foram exitosas, afim de promover a aquisição do conhecimento. De outra maneira, “avaliar é acompanhar o processo de construção do conhecimento” (HOFFMANN, 2010, p. 152). Nesse sentido, vale

problematizar se de fato a avaliação da aprendizagem realmente aconteceu no período de educação remota com as crianças em fase de alfabetização.

Entendemos que o processo de avaliação durante o período de educação remota foi extremamente comprometido como mencionado pela P1. Muitas das atividades eram realizadas pelos pais, não obtendo assim um resultado real a respeito dos avanços e dificuldades que as crianças enfrentaram no processo de alfabetização. Sabemos que com o retorno das aulas presenciais os professores alfabetizadores terão um enorme desafio de replanejar as ações, para que a avaliação possa ocorrer de forma eficaz. Logo, as avaliações diagnósticas em relação aos níveis de leitura e escrita dos alunos devem ser retomadas, afim de promover um planejamento sistemático para se alcançar a aquisição de conhecimentos da leitura e escrita que não foram conquistados no período de educação remota.

(c) possibilidades de ações pedagógicas com a leitura

Ao perguntar as professoras sobre as atividades que consideram relevantes para a aquisição da leitura e da escrita, a maioria colocou a leitura de histórias como prática fundamental para que as crianças avancem no processo de alfabetização. Segue abaixo, o quadro com as respectivas respostas:

Quadro 7 – Atividades utilizadas na alfabetização

Professora	Respostas
P1	No cotidiano usamos inúmeras atividades, mas a atividade que considero essencial é a “ HORA DA HISTÓRIA ”. Com a contação e o reconto de histórias motiva a criança e desperta a curiosidade e desejo pela leitura e a escrita. No processo de alfabetização tem de ter no mínimo uma história por dia, diversificando.
P2	São inúmeras as atividades que são realizadas com os alunos visando a alfabetização. Utilizo como ferramenta leituras variadas englobando os diversos gêneros textuais, cruzadinhas, caça-palavras, interpretação textual e muitas outras.
P3	A própria leitura de mundo ; estimular sempre que for possível tudo que venha a contribuir para o amadurecimento e consequentemente da aprendizagem.
P4	Eu gosto muito de utilizar contos, histórias . Além da criança aprender ler e escrever tem aquela parte do encantamento, da beleza, da ludicidade e do que se aprende com base naquela história.
P5	Faço o uso de jogos de sílabas e palavras, texto de memória, textos de cantigas, adivinhas, trava línguas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Diante do que foi exposto, fica evidente o quanto as professoras valorizam a prática da leitura em suas aulas, principalmente quando trabalhada em um viés lúdico por meio da contação de história ou pelas aliterações, como mencionado pela P5 que pontuou

a utilização de cantigas, as adivinhas e os trava-línguas em suas atividades de alfabetização.

Nessa perspectiva, Lima et al. (2019) baseado nas ideias de Gomes e Moraes (2013), evidencia que promover momentos de contação de história no ambiente da sala de aula possui um valor pedagógico que se faz fundamental, uma vez que permite a interlocução entre os elementos didáticos pedagógicos e o caráter lúdico diante do processo de ensino e de aprendizagem. Ademais, criar momentos de ludicidade e prazer por meio da leitura se configura um importante recurso para o processo de alfabetização com vistas ao letramento, que logo são favorecidos à medida que as crianças tem o contato com diferentes tipos de narrativas e gêneros textuais.

Ao perguntar sobre os materiais didáticos disponíveis para a alfabetização, as professoras mencionaram inúmeros instrumentos que utilizam em suas práticas, desde materiais produzidos por elas mesmas, até materiais dispostos na internet. Segue abaixo o quadro com as respectivas respostas:

Quadro 8 – Materiais didáticos utilizados na alfabetização

Professora	Respostas
P1	Materiais didáticos temos inúmeros como livros, jogos, livros de histórias, DVD, pen drive, etc. Confeccionei alguns jogos como bingos de números, sílabas, palavras, uso muito pouco o livro didático.
P2	Estão disponíveis diversos livros e internet. Utilizo todos os recursos que estão disponíveis analisando e retirando deles as atividades mais elaboradas, facilitando o processo de alfabetização.
P3	Varia de acordo com a turma e suas respostas.
P4	Ouso dizer que professor alfabetizador hoje em dia não tem grande dificuldade em encontrar material para alfabetizar não, na internet há uma infinidade de materiais desde livros em PDF até grupos de Whatsapp, no qual os próprios professores compartilham materiais que elaboram. Além dos produtos de mídia como filmes e músicas, desenhos que são de fácil acesso, então não há dificuldade de se encontrar.
P5	Utilizo jogos pedagógicos, coleções de materiais lúdicos para ensinar.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Como podemos perceber algumas das professoras abordaram respostas bem semelhantes ao quadro anterior a respeito aos materiais didáticos que utilizam na alfabetização. Dessa forma, a maioria mencionou que faz o uso de livros de histórias, jogos pedagógicos, materiais disponíveis na internet como as mídias digitais e coleções de materiais lúdicos para alfabetizar os alunos.

Nesse viés, as professoras destacam a importância do uso de jogos pedagógicos no processo de alfabetização e letramento, uma vez que desperta na criança a expressividade, a imaginação, estimula a linguagem comunicativa, a atenção, a

concentração, o raciocínio lógico, além de que podem ser trabalhados em diferentes áreas do conhecimento. Ademais, os jogos na alfabetização proporcionam o trabalho com a consciência fonológica sendo as crianças capazes de reconhecer e manipular os sons das letras nas palavras.

Na última pergunta do questionário foi indagado as professoras a respeito de quais os livros de literatura infantil utilizam na alfabetização dos alunos e como eles são disponibilizados. Sendo assim, segue a baixo as respectivas respostas:

Quadro 9 – Uso de livros de literatura infantil na alfabetização

Professora	Respostas
P1	Na escola nos são disponibilizados um número muito significativo de livros. Uso como leitura deleite e alguns até encaixo nos planos de aula. Explorando o autor e obras.
P2	Sim, há uma grande variedade de livros literários disponíveis, sempre os utilizo na contação de histórias, leitura realizada pelos alunos, sequências didáticas , dramatização de histórias, além de outras variedades de possibilidades que um bom livro nos traz.
P3	Leio para a turma uma vez por semana ; as crianças pegam toda sexta e levam para casa para leitura e devolvem na próxima sexta.
P4	Livros tem muitos! Tem para comprar para baixar. Utilizo a leitura, escrita, interpretação, a parte de desenhos, teatro, a partir das músicas . Então é bem rica a parte de livros, na qual se tem diversas formas de serem utilizados.
P5	A escola dispunha de uma biblioteca, com a pandemia ela acabou não sendo usada. Na literatura gosto de fazer a leitura todo o dia , assim reservo um momento da aula para a realização da mesma.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Dado o último quadro de respostas notamos que o acesso aos livros de literatura infantil ficam à disposição para as professoras fazerem o uso e explorá-los nas atividades que planejam. Tendo isso em vista, em meio às respostas percebe-se que todas elas colocam a importância da prática leitora como ação cotidiana nas aulas. Nesse sentido, é fundamental que na alfabetização as crianças tenham o contato com a maior quantidade possíveis de livros de literatura infantil, pois é a partir desse acesso que há uma ampliação do repertório leitor, mesmo a criança não lendo convencionalmente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi abordado, neste trabalho procuramos compreender os principais desafios que os professores alfabetizadores que atuam na educação básica apontam como impactantes mediante ao processo de aquisição da leitura e da escrita por parte da criança, uma vez que os processos de alfabetização e letramento ainda carregam marcas de práticas pedagógicas muito mecanizadas que pouco contribuem para que a aprendizagem dos educandos ocorra de maneira significativa.

A partir da metodologia de pesquisa adotada com base na aplicação do questionário, foi possível identificar a presença de três grandes grupos que buscaram responder a temática em questão. Dessa forma, estes grupos foram separados e nomeados em: (a) dificuldades da docência na alfabetização; (b) desafios do ensino remoto na alfabetização; (c) possibilidades de ações pedagógicas com a leitura.

Tendo em vista o primeiro grupo, percebemos que as principais dificuldades que as professoras relataram ter enfrentado frente a alfabetização das crianças são advindas do contexto social pelas quais estão inseridas. Assim é necessário que o professor alfabetizador tenha um olhar atento para a realidade de cada educando. Ademais, ainda nesse grupo foi discutido a importância da família e escola estar em sintonia para alcançar um bom aprendizado das crianças, uma vez que nas respostas as professoras relataram essa falta de apoio dos pais com relação a educação dos filhos.

No segundo grupo em relação aos desafios do ensino remoto, foi discutido o quanto foi desafiador o período de educação remota não só pelas professoras, mas também pelos alunos, visto que ambos não tinham o domínio das tecnologias digitais. Além disso, percebeu-se que o processo de avaliação durante o período de educação remota não foi efetivo, uma vez que avaliou-se somente as atividades feitas em casa pelas crianças. Para mais, evidenciou-se o quanto as aulas online foram desafiadoras para as professoras.

No terceiro e último grupo, constatamos o quanto as professoras valorizam o momento da leitura por meio da contação de histórias, visto que a leitura é uma prática que se faz essencial no processo de aquisição da leitura.

Por fim, fica evidente diante da pesquisa o quanto as professoras tem enfrentado desafios diariamente, de modo a fazer com que o educando avance em meio ao seu processo de aquisição da leitura e escrita. Percebe-se que as causas de tais dificuldades são de diferentes naturezas, a começar pela realidade da criança. Nesse sentido, o

professor alfabetizador precisa ter um olhar cuidadoso e atento para as diferentes realidades, buscar compreender por que determinado aluno não consegue avançar na escrita, buscar, acima de tudo, um diálogo com os pais, pois eles também são responsáveis pela educação dos filhos.

De modo particular, acredito que no período de educação remota as crianças em fase de alfabetização tiveram muitos atrasos em relação à aquisição de conhecimento da língua escrita. Este fato é percebido não só pelas respostas das professoras participantes da pesquisa, mas por tantas outras que viveram realidades semelhantes. Acredito, que o impasse maior que se tem daqui em diante é recuperar na medida do possível os atrasos que essas crianças tiveram nesse tempo de pandemia. Concluo dizendo que, não estávamos e ainda não estamos preparados para lidar com essa nova forma de ensinar por meio das tecnologias digitais. Contudo, é necessário estarmos em constante busca de novos conhecimentos, para levar o melhor ensino para nossas crianças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Natália Avilla. Como avaliar os alunos do ensino fundamental durante o período de educação remota. **Revista Educar e Evoluir - Nova Geração Assessoria Educacional**, v 1, n 3, p. 7 – 11, jan., 2021. Disponível em:<<http://www.novageracaoeducacional.com.br/wp/revista/>>. Acesso em: 11. abr. 2022.

ANDRÉ Marli, et al. O papel do outro na constituição da profissionalidade de professoras iniciantes. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, v 11, n 2, p. 505-520, jun./ago., 2017. Disponível em:<<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 11. abr. 2021.

ARRUDA, L.; GROSCH, M. S. Formação continuada de professoras alfabetizadoras: relações com a alfabetização e letramento. **Roteiro**, [S. l.], v. 45, p. 1–28, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/24025>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC/SEB, 2012-2018.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 25º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREITAS, Ernani Cesar; PRONADOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. **[Recurso eletrônico]**. 2º ed, Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. 2º ed. São Paulo: Mediação, 2010.

LIMA, Francine de Paulo Martins et al. Do encantamento da contação de histórias à aquisição da leitura e escrita no processo de alfabetização. *In*: GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **Ler e contar histórias: das experiências profissionais às vivências**

pedagógicas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 259 – 284.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. **Construir Notícias.** Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov./dez., 2007.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** Lisboa: Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote, 1992.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica.** Minas Gerais: v.9, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação,** Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, nº 25, p. 5-17, abr. 2004. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002> >. Acesso em: 02. mar. 2022.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação.** Porto Alegre: Panorâmica, p. 215-233, 1991.

ANEXO

Abaixo estão os respectivos quadros que não fizeram parte da análise, mas que foram base para a construção das discussões realizadas ao longo trabalho.

Quadro 10 – Média aproximada de crianças que terminam o ano não alfabetizadas

Professora	Respostas
P1	Mais ou menos 15% das crianças não conseguem ser alfabetizadas na idade certa. E o sistema não permite a reprovação, o qual torna cada vez mais difícil para a criança com dificuldade e também para o professor.
P2	Não há um porcentagem exata, pois a cada ano as turmas são diferentes. Acredito que de 20 a 30% dos alunos.
P3	Mais ou menos 20%.
P4	Não tenho esses dados, pois eu não trabalho com a alfabetização em escolas.
P5	Em média 22% alfabetizadas – em uma turma de mais ou menos 20 alunos, apenas 5 estão alfabetizadas.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Quadro 11 – Participação em cursos de formação continuada

Professora	Respostas
P1	Com certeza vários. O crescimento profissional se dá com experiência na sala de aula e a troca de experiências. Pois quase todos os cursos que participei houve muita troca de experiências e amplo conhecimento adquirido.
P2	O PNAIC. Foi um excelente curso de capacitação de professores. Esse curso foi oferecido pelo Ministério da Educação (MEC) e trouxe inúmeros benefícios para professores e consequentemente para os alunos.
P3	Já. Poucos.
P4	Atualmente estou fazendo um curso que se chama ABC da alfabetização de 160h, como a alfabetização é uma área que eu gosto, estou tentando me aprofundar. E outro curso que é a respeito da alfabetização de textos.
P5	Realizei o curso do PNAIC e sempre aproveitei alguma coisa nova para inovar na prática pedagógica.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.